

FACET – FACULDADE DE CIENCIAS E TECNOLOGIA
Direito – Antropologia Jurídica

NUREMBERG – VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS?

Salvador
2005

JEFFERSON FRANCISCO RAMOS POLI

NUREMBERG – VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS?

Trabalho apresentado à disciplina de Antropologia Jurídica, do curso de Direito da FACET - Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Docente: Osvaldo Bastos.

Salvador
2005

Da constatação de que violência chama violência numa cadeia sem fim, [...] o único pelo qual valha a pena lutar: a salvação da humanidade, hoje mais do que nunca, depende da interrupção dessa cadeia. [...] A abolição da pena de morte é apenas o começo. Mas é grande o abalo que ela produz na prática e na própria concepção do poder de Estado, figurado tradicionalmente como o poder “irresistível”. (Bobbio, 1992, pp. 200-1, grifos nossos)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	05
2 AS CONSEQUENCIAS DO TRATADO DE VERSALHES.....	06
3 O HOLOCAUSTO PARA OS SUBORDINADOS DE HITLER.....	07
3.1 A COMUNICAÇÃO SOCIAL ENTRE HITLER E OS LÍDERES NAZISTAS.....	07
3.2 O RESPEITO E A AMIZADE DE LÍDERES NAZISTAS POR JUDEUS.....	09
4 A POLÔNIA SOB OS PAÍSES ALIADOS E VIZINHOS.....	10
5 A JUSTIFICAÇÃO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO.....	12
6 SOBRE A PENA DE MORTE.....	12
7 CONCLUSÃO.....	13
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	14

1 INTRODUÇÃO

O julgamento dos oficiais alemães na cidade de Nuremberg em 1945, acusados pela liga das nações (países aliados), pelos crimes de guerra, crimes contra a humanidade, entre outros. É reconhecido como um marco do direito internacional, por ter contribuído com a criação da ONU, além de ser objeto de “laboratório” e de grande valia aos verdadeiramente interessados nos direitos humanos, penais e internacionais.

Todos sabemos alguma coisa sobre as atrocidades cometidas na 2ª guerra mundial por Adolf Hitler e seus compatriotas partidários nazistas. Muitos filmes marcantes foram feitos a respeito como: A Lista de Shindler (1993), A Escolha de Sofia (1982), Pearl Harbor (2001), entre outros. Mas o que motivou aquele povo ao genocídio ou a tantas violações Internacionais? Como podemos ver a pena de morte aplicada a doze réus nesta situação?

O julgamento em Nuremberg foi uma forma de minimizar a vingança dos países violentados pela guerra. Sabemos que no fim da guerra, mulheres alemãs foram estupradas por soldados aliados de todas as raças, a pretexto de vingança. Se não fosse o fato de os julgamentos dos culpados terem sido proclamados - e realizados em Nuremberg com objetividade suficiente para demonstrar sua integridade - a vingança indiscriminada ter-se-ia descarregado sobre toda a Europa, com uma resultante de hostilidades que atribulariam o mundo durante gerações.

No entanto os problemas básicos com os quais o tribunal de Nuremberg teve de lidar também são problemas presentes e futuros, e a maneira como ele tentou resolve-los é instrutiva, em sentido positivo e negativo: em certos pontos, teve êxito; em outros, falhou. É importante sabermos como teve êxito, e por que falhou. A história que se pode contar tem agora tanto interesse humano como na época despertaram os relatórios, embora hoje esse interesse seja de tipo diferente, por estarmos menos envolvidos emocionalmente, e por haver-se dissipado a atmosfera carregada de dramaticidade.

Por outro lado, uma compreensão muito mais profunda das motivações e reações dos homens que ocuparam o tribunal em Nuremberg pode ser captada: não só dos acusados, mas principalmente dos países acusadores.

Levar os principais nazistas ao tribunal não foi, como às vezes se afirma, uma decisão tomada

precipitadamente no primeiro entusiasmo da vitória; ao contrário, esta se tornara uma das metas de guerra dos aliados, declarada já nos primeiros estágios do conflito. Neste trabalho será mostrada de forma mais ampla as violações dos direitos humanos, que em tese são mais importantes dos que as elites fizeram do julgamento em Nuremberg.

2 AS CONSEQUÊNCIAS DO TRATADO DE VERSALHES

Não temos como analisar o que aconteceu em Nuremberg sem buscarmos as raízes das duas grandes guerras.

A Alemanha não tinha nenhum “acordo kelseano de paz” ou de interesses humanos ou coletivos internacionais no período da 2ª guerra mundial (1939-1945). Hitler nem alemão era no início de sua militância fascista. Após a 1ª guerra mundial (1914-1918), a liga das nações compostas pelos países vitoriosos, entre os países de maior destaque: França, Rússia, Reino Unido e EUA cujo pretexto era garantir o estado de paz e administrar as colônias alemãs e possessões não-turcas do Império Otomano uniram-se na França em 1919, assinando duras sanções através do *Tratado de Versalhes* que imputava as seguintes condições a Alemanha:

a) a Alemanha, considerada causadora da guerra pela Conferência, comprometia-se a indenizar todos os que se envolveram com ela durante o conflito. As indenizações dariam-se na forma de dinheiro, maquinário, recursos minerais e produtos químicos; b) a Alemanha comprometia-se a desmilitarizar-se quase que completamente; c) a França receberia de volta o território da Alsácia e Lorena; d) a França adquiria o direito de explorar as minas de carvão do Sarre pelos próximos quinze anos; e) a Alemanha comprometia-se a conceder privilégios alfandegários aos países aliados; f) a Alemanha comprometia-se a reconhecer integralmente a condição da Polônia como país independente. (WIKIPÉDIA, 2005)

Nesta situação caótica e sem saída, humilhada e faminta a Alemanha vai acreditar no preso político, perseguido na Áustria, seu país de origem, por seus “pensamentos Nietzchenianos nazistas” que corporificavam toda cultural alemã, numa espécie de “flash back” de esperança desesperada popular depositada sobre um “guru motivacional racista”. Adolf Hitler assumiu a Alemanha pelo partido nacional-socialista, com amplos poderes políticos, como chefe de Estado, provocando a 2ª guerra mundial o que chamamos de “3º Reich”.

Em uma das entrevistas do médico Leon Goldensohn em Nuremberg dirigida ao prisioneiro alemão *Hans frank* (condenado a morte), que era o advogado pessoal de Hitler e governador

geral da Polônia na época, descreve que seu pai também jurista, não entendia porque ele continuava seguindo os ideais de Hitler, cita

‘Surpreende-me que você não veja quão tolo é esse Hitler [...] Ele é insuportável, e não consigo entender por que ele o atrai’, depois chegou a escrever uma carta de renúncia ao partido, logo nos primeiros contatos com os seus ideais, alegando “que não acreditava que ele tivesse razão na defesa que fazia de certos princípios (2005, p. 63).

Hans Frank comenta a Goldensohn que

o programa não preconiza o extermínio físico dos judeus, mas apenas a eliminação de sua influência. A decisão criminosa de exterminar fisicamente os judeus foi tomada por Hitler durante a guerra. É só ler o testamento final de Hitler – se alguém comparar esse testamento com o programa do Partido Nacional-Socialista, verá como Hitler se desviou dele (Id. p.61).

Ele ainda expõe seu ponto de vista da Alemanha após o Tratado de Versalhes em relação aos motivos que conduziram Hitler ao poder

No verão de 1923, houve a inflação. Como você deve se lembrar da história, os franceses ocuparam o Ruhr em janeiro de 1923. A economia alemã entrou em colapso. Houve um terrível período de fome. Um dólar americano valia em setembro 400.000 marcos. Mais tarde em novembro de 1923, um dólar estava valendo 1 bilhão de marcos. Foi nessa época crucial que Hitler surgiu.(Id. p.62) [...] agora fico ruminando sobre como Hitler chegou e como todo esse maldito movimento foi um resultado da fome na Alemanha. [...] podem ver por si próprios quão impossível é alimentar o povo alemão a partir do próprio solo alemão. [...] O leste foi tirado da Alemanha [] *após a segunda guerra ironicamente* [...]– em outras palavras, a fome criou Hitler e, paradoxalmente, Hitler criou uma fome ainda maior. (Id. p.64)

3 O HOLOCAUSTO PARA OS SUBORDINADOS DE HITLER

3.1 A COMUNICAÇÃO SOCIAL E DE COSTUME ENTRE HITLER E OS LÍDERES NAZISTAS

A comunicação social durante a segunda guerra foi pensada por Goebbels, era forma de manter “todos bem informados” sobre coisa nenhuma, Hans Frank explica “Na Alemanha, não ouvíamos nada sobre a perseguição aos judeus. Outras nações têm uma imprensa livre etc., enquanto na Alemanha não tínhamos imprensa nem rádios livres” (Id. p. 59). Karl Doenitz (Almirante-Mor e Chefe de Estado no término da segunda guerra) comenta a respeito da comunicação, que

Hitler [...] sempre se mostrava razoável, e suas exigências pareciam visar ao bem da Alemanha. Agora vejo que ele teve muito pouca consideração com os outros povos, como os judeus, ou com os países vizinhos. Mas eu não tinha a menor idéia dos fatos no tocante aos judeus. Hitler dizia que cada homem devia tratar de sua própria vida, e a minha eram os submarinos e a marinha. (Id. pp.43-4)

É importante comentar que muitos dos réus em Nuremberg foram independentes em seus setores de comando, essa independência caracteriza também sua desobediência em suas bases militares, onde teriam sido posteriormente usadas pela promotoria nos termos de “Crimes de Guerra”, sob a acusação de “Conspiração”. Ora, a acusação não conseguia constituir prova contra eles nos termos de “Genebra”, a não ser pelo fato de seu depoimento de insubordinação à cúpula do comando nazista representada por “Hitler” e seu emissário do terror “Himmler”. Não cabendo a acusação sob o ato de quebra de tratado algum ou nos termos de “Genebra” sobre eles.

A respeito disso Oliver Thomson comenta que

Hermann Goering (1893-1946), produto da antiga ética do oficial prussiano transformada na do exímio piloto de biplano da Primeira Guerra Mundial, obcecado por Blue Maxes e pela Pátria, foi o principal fundador da Gestapo e fomentador dos campos de concentração.

Heinrich Himmler (1900-45), um racista também obcecado, que se referia aos judeus como *Untermenschentum*, assumiu a mais direta responsabilidade pela morte de no mínimo 5 milhões de judeus e por experimentos médicos se o uso de analgésicos.

Reinhard Heydrich (1902-42), dono de uma personalidade carismática e de uma carreira meteórica, ficou conhecido como ‘o carrasco’. Sua versão da ‘solução final’ imaginava um plano para remoção de 11 milhões de judeus de toda a Europa e equivalia ao projeto de Hitler, de 1941, para reduzir a população da Rússia Soviética a trinta milhões de habitantes, [] **Entre os planos de extermínio, concluímos daí os objetivos não anti-semitas, mas de genocídio generalizado quanto à intenção de perseguição a outras raças “não puras”** [...] De modo que pudesse ser recolonizada pelos alemães.

Joseph Goebbels (1897-1945) foi quem desenvolveu o etos intelectual da raça superior, tendo sido seu maior propagandista depois do próprio Hitler. Esse grupo de homens e seus seguidores foram responsáveis pelo estabelecimento de um novo etos que admirava a coragem, a eficiência, o orgulho nacional e a unidade da família nórdica, **de fato muitas das virtudes convencionais da Europa contemporânea** – mas também incentivaram uma crueldade das mais selvagens contra quem se colocasse no caminho de seus ideais [...] o renascimento militar da Alemanha – inicialmente deixaram que os fins justificassem os meios. O tradicional culto prussiano ao sacrifício e ao dever militar não era muito diferente do fanatismo ideológico do nazista genuíno. (THOMSON, 2002, pp. 509-11, grifo nosso)

3.2 O RESPEITO E A AMIZADE DE LÍDERES NAZISTAS POR JUDEUS

O anti-semitismo foi um pensamento formado pela corrente socialista incutida da mente coletiva do século XX. Oliver Thomson em seu livro “A Assustadora História da Maldade” cita que

o idealismo socialista estava no auge, por ora ainda não conspurcado por nenhum dos fracassos práticos que as filosofias experimentam quando se tornam doutrinas estabelecidas. Era época das Escolas Dominicais Socialistas e dos novos hinos trabalhistas à justiça e ao amor. (CHAMBERLAIN, Joseph, 2002, p. 489) [...] Em 1909, a plataforma do Partido Democrático Nacional da Romênia era anti-semita. Na Inglaterra, em lugares como Stepney, os judeus eram atingidos com tomates porque ‘sempre pareciam ter mais sucesso que os demais’ (THOMSON, 2002, p. 491) [...] Havia um tom racista na postura dos europeus. Se o Kaiser Guilherme preocupava-se com o perigo amarelo, os judeus eram universalmente hostilizados e as aspirações dos negros causavam cada vez mais indignação. (THOMSON, 2002, p. 493)

Sendo assim, concluímos que o anti-semitismo não foi algo criado por Hitler, como nos é passado nos filmes norte-americanos, mas uma corrente marxista-socialista pensada na realidade cultural da época.

Leon Goldensohn na entrevista que faz a Karl Doenitz cita

A marinha tinha quaisquer políticas anti-semitas? ‘Absolutamente. Eu tinha quatro altos oficiais judeus que me vêm à lembrança. Um era Rogge, um vice-almirante encarregado da educação dos cadetes navais até o fim da guerra. Outro era capitão. Obtive a **declaração juramentada de Rogge em minha defesa**. Se qualquer um daqueles quatro oficiais judeus tivesse tomado conhecimento do que Himmler e Hitler estavam fazendo com os judeus na Alemanha e outras partes, certamente teria me contado. Certa vez, em 1943, recebi uma carta de Hitler dizendo que o partido reclamara porque um judeu estava encarregado da educação dos cadetes navais. Ele tinha em mente o almirante Rogge. Respondi que devia tratar de sua própria vida.’ (GOLDENSOHN, 2005, p. 48, grifo nosso)

[...] Qual era a sua atitude em relação aos judeus em geral? ‘Não tinha preconceitos. (GOLDENSOHN, 2005, p. 49) [] **Quando questionado por Goldensohn a respeito de quem ele considerava culpado dos réus respondeu** [...] A grande loucura deste julgamento é que falta os dois homens culpados por tudo que é crime: Hitler e Himmler.’

[] **Já na versão de Hans Frank, outro réu de Nuremberg disse** [...] ‘Sinto que tenho uma obrigação para com meu povo – isso não é pessimismo. Se eu tentasse provar minha inocência, seria o mesmo que tentar provar que o povo alemão é culpado. Só há um homem inocente naquele banco dos réus [] **O Chefe de Estado Doenitz** [...] E aquele homem é o símbolo do povo alemão. Uma época com

acontecimentos tais como o assassinato de 5 milhões de judeus, o extermínio planejado de milhões eslavos – tal época precisa se encerrar de uma vez por todas. A coisa não pode ficar se arrastando para sempre. Aqueles dentre nós que são culpados precisam pagar o preço disso e libertar o povo alemão, para que não seja mais culpabilizado pela nossa estupidez.’ (GOLDENSOHN, 2005, p. 68).

4 A POLÔNIA SOB OS PAÍSES ALIADOS E VIZINHOS

É notório que o interesse pela Polônia se caracteriza pela vantagem econômica de sua ocupação, nada tem a ver com a perseguição aos judeus, mas com o anti-semitismo existente na época, quanto às riquezas representadas popularmente por esse povo. O racismo e a crueldade podem ser vistos também nos países que compõem a “Liga das Nações”.

Para Thomson algumas dessas desigualdades são muito bem colocadas a seguir

“Na América a guerra acarretara uma melhora na condição da minoria negra [] *Foi quando a população negra começou a ser remunerada pelos serviços militares prestados* [...] a reação dos brancos foi imediata. Em 1918 o Coronel Simmons ressuscitou a ku-klux-klan, atacando negros, **judeus** e católicos. Em 1924 o Klan tinha 4 milhões de membros nos Estados do Sul, e o jornal *Dearborn*, de **Henry Ford**, contribuía para o esforço anti-semita. [] *Podemos inclusive afirmar que o povo americano do norte, “nórdicos também por ironia”, após invadirem o Iraque promoveram o maior holocausto contra os povos mulçumanos, e por tabela a maior exclusão social e racial de um país americano, ao enviar para guerra em sua maioria negros, latino-americanos e pobres, como mostrado de forma brilhante pelo documentarista Michael Moore no documentário 11 de setembro.*

[...] Lênin (1870-1924) não apenas sofrera um longo exílio e grandes dificuldades pessoais, mas também demonstrara sua versão a todas as formas de acordo, dedicando-se totalmente à sua própria visão do marxismo. Anunciou a intenção de ‘limpar as terras da Rússia de todas as formas de insetos daninhos’ e indossou o tema da nova polícia secreta, a Cheka: **VAMOS BATER NOSSOS PUNHOS TÃO FORTE NA MESA QUE O MUNDO IRÁ TREMER DE PAVOR.** (THOMSON, 2002, p. 502, grifo nosso)

[...] A guerra civil fez 8 milhões de vítimas, a maioria por inanição. Em 1923, foi criado o primeiro campo de trabalhos forçados na ilha de Solovetsk. Sobre a polícia secreta observou que **A CHECA FOI A ÚNICA ORGANIZAÇÃO DA HISTÓRICA QUE COMBINAVA INVESTIGAÇÃO, PRISÃO, INTERROGATÓRIO, ACUSAÇÃO, JULGAMENTO E EXECUÇÃO.** (Id. p. 503)

[...] a intolerância de Lênin em relação aos desvios, de modo que, durante um certo período, o comunismo soviético demonstrou uma tal disposição de utilizar a força para converter os **não-crentes** que lembrava o primeiro milênio do cristianismo organizado. [...] Em 1932, Stálin orquestrou uma escassez artificial na Ucrânia que eliminou (segundo ele mesmo) pelo menos 10 milhões de gulags como classe. Certa de 3,5 milhões fora para os campos de trabalho e muitos morreram de fome, à

medida que a coletivização da agricultura era empreendida a qualquer preço. A ética do **Estado estava acima da família**: Pavlic Morozov, o filho adolescente de um camponês, foi transformado e herói público pelo martírio que sofreu depois de ter denunciado o próprio pai ao governo. (Id. p. 504, grifo nosso)

[...] O tratamento grosseiramente desumano dado ao grande número de pessoas enviadas a campos de internamento foi assustadoramente descrito por Soljenitsin e o *arquipélago Gulag* (1973-1975) e *um dia na vida de Ivan Denisovich* (1962). Houve uma alta taxa de mortalidade no Canal do Volga-Mar branco.

De fato, Stálin conseguiu ganhar uma guerra, conquistar umas oito nações satélites para um novo império russo e revolucionar a indústria, mas até agora não há uma estatística confiável sobre o custo humano total. **Um milhão de poloneses** foram deportados à força antes de 1941, além do massacre russo contra eles em Katyn Forest. Em 1941, 132 mil importantes cidadãos dos três Estados Bálticos – Letônia, Estônia e Lituânia – foram deportados em uma única noite. A biografia de Isaac Deutscher mostra a dedicação resoluta de Stálin aos objetivos nacionais, devidamente ilustrada pela justificativa do líder soviético ao ataque à Finlândia: **JÁ QUE NÃO PODEMOS MOVER LENINGRADO, MOVEREMOS A FRONTEIRA**. (Id. p.506, grifo nosso)

[...] Seu idealismo impressionado até se transformar em paranóia foi a fonte de um etos sádico de massa na Rússia, então provavelmente isso também ocorreu na Alemanha nazista. Os problemas com o controle de grandes populações e o poder de uma nova mídia, novas armas e uma nova riqueza foram imensos; sob essas e outras pressões, os regimes mostravam-se frágeis e as moralidades convencionais eram facilmente deixadas de lado. **Adolf Hitler (1889-1945)** foi um produto da mais corrosiva de todas as pressões, a realização contra a derrota e a humilhação. Tão imensos foram os obstáculos em seu caminho, no sucesso inicial, que pouco surpreende que o novo etos por ele criado fosse paranóico, vingativo e indiferente ao sofrimento humano. (Id. p.507, grifo nosso)

Em 1939 os alemães mataram 20 mil poloneses em Bydgoszcz, mais tarde 9 mil sérvios iugoslavos em Ravna Cora, [] *isso mostra como foi comentado na introdução deste trabalho acadêmico, as intenções não anti-semítas, mas principalmente as econômicas, o que daí se apresenta e justifica os mini genocídios na Polônia* [...] apenas dois exemplos de **atos de mini genocídio contra não-judeus**.

A instituição da esterilização compulsória em 1934, para impedir o nascimento de crianças anormais, havia sido acompanhada por uma política de eutanásia para eliminação dos congenitamente insanos, o que resultou em cerca de 7 mil mortes em 1939. Isto, por sua vez, foi um passo em direção ao **extermínio de judeus, homossexuais e ciganos**. Em 1940, enquanto os judeus eram arrebanhados nas preliminares do holocausto, o cinema nazista mostrava o filme de propaganda *Jud Suss* para criar o clima apropriado. A violência física e a ameaça dos campos de concentração também eram, obviamente, utilizadas para intimidar os próprios alemães. (Id. pp.508-9, grifo nosso)

Karl Doenitz (Chefe de estado e Réu em Nuremberg) finaliza esse tema relatando que “Os russos nos pediram um pedaço da Dinamarca e **partes da Polônia**, antes de entrarmos em guerra contra eles. Agora eles me acusam de conspiração política.” (GOLDENSOHN, 2005, p.48, grifo nosso)

5 A JUSTIFICAÇÃO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Uma das muitas lacunas que nos fazem pensar sobre o “direito dos homens” é entender sobre as mortes em massa provocadas nos campos de concentração. Fica evidente que Hitler no meio de uma guerra de grandes proporções escolheu fazer uma “guerrinha particular”, muitos dos seus oficiais não sabiam o que estava acontecendo dentro dos campos de concentração, coordenados unicamente por seu oficial de confiança Himmler, por exemplo, em relação à máquina de matar de “Auschwitz”.

A “guerrinha” visava ampliar a dominação alemã através do direito a propriedade, das riquezas saqueadas, além da imposição política real diante do mundo, quanto a sua reconstituição representativa na sociedade como na antiga Alemanha do “2º Reich”, campos de concentração por Goldensohn, ele nos fala que

até certo ponto, eles se justificavam. Se Hitler não tivesse atirado os comunistas em campos de concentração em 1933, teria havido guerra civil e derramamento de sangue. Os comunistas teriam se revoltado contra o governo legalmente eleito. O maior perigo de guerra civil na Alemanha surgiu em 1932, quando a **opção era claramente entre comunismo e nacional-socialismo**. Assim, Paul Von Hindenburg e os outros elementos burgueses conservadores optaram por Hitler. Eu fiz o mesmo, e faria de novo se surgisse uma opção entre comunismo e nazismo. (GOLDENSOHN, 2005, p.46, grifo nosso)

6 SOBRE A PENA DE MORTE

Acredito que nenhuma pena deva ser levada à morte, não querendo aqui trazer à tona a discussão pró e contra a pena de morte de “Beccaria resultante na lei Toscana que vai abolir a pena de morte em 1786”. (Bobbio, 1992, p.164)

Neste ponto Norberto Bobbio nos explica que

“os defensores da pena de morte seguem uma concepção ética da justiça, enquanto os abolicionistas são seguidores de uma concepção utilitarista. Reduzidos a seus termos mais simples, os dois raciocínios opostos poderiam ser resumidos nestas duas afirmações: para uns, A PENA DE MORTE É JUSTA; para os outros, A PENA DE MORTE NÃO É ÚTIL. (1992, p.172)

Neste trabalho ela não se mostrou útil, nem em sua maior argumentação sobre a “Força de Intimidação” (Id.1992, p.195), mostrando o lado político estatal, como poder “irresistível” e caótico sobre a vida alheia. Diante dos fatos fica claro a manobra política por de traz do julgamento de Nuremberg, justificando o retorno dos países da liga das nações ao “colherem uma segunda guerra mundial” após imputações desumanas sobre a Alemanha pós-guerra. Resta-nos saber o que o imperador do mundo aprendeu ao desrespeitar a ONU diante dos olhos do mundo.

Nestes termos finalizo esse tópico do trabalho lembrando que

“das poucas lições certas e constantes na história é que a violência chama a violência, não só de fato, mas também – o que é ainda mais grave – com todo o seu séqüito de justificações éticas, jurídicas, sociológicas, que a precedem ou acompanham. Não há violência, ainda que a mais terrível, que não tenha sido justificada como resposta, como única resposta possível, à violência alheia: a violência do rebelde como resposta à violência do Estado, a do Estado como resposta à do rebelde, numa cadeia sem fim, como é sem fim a cadeia das vinganças familiares e privadas. [...] o papel maior é ocupado pela violência política, ao qual pertence aquele fenômeno de violência coletiva, a guerra, diante da qual falar ‘abolicionismo’, como legitimamente se pode fazer a propósito da pena de morte, pode parecer uma imperdoável ingenuidade.” (Id. 1992, p.199)

7 CONCLUSÃO

“A morte como ameaça é a moeda do poder” (Id. CANETTI, 2002, p. 200)

Vimos Nuremberg como funciona o campo de concentração, que podemos chamar “da revisão das vidas perdidas em prol da ganância dos Estados que aprovaram”.

Esperamos, contudo, tirar deste pesadelo histórico às boas lições deixadas na Revolução Francesa, esses direitos humanos conquistados as duras penas da “res” não pode ter servido para o desenvolvimento do capital e da propriedade inescrupulosamente sobre a humanidade.

Que possamos abolir não só a pena de morte, mas toda a ignorância que nos leva a distanciarmo-nos uns dos outros por diferenças de “intolerância” quanto as de cunho religioso, político, etc., fazendo assim, de Nuremberg, um marco daquilo que nós, neste “etos democrático”, não podemos admitir.

No filme “Harry Potter e o Cálice de Fogo” vemos a comunicação simples usada para ensinar as crianças a respeito dessas personificações sentidas nas guerras mundiais, nessa obra

veremos as três maiores “magias da maldade”. Nestes termos como o poder de manipular, de torturar e por final o de matar.

Nesta obra o mal apavora as crianças tirando sua imaculada inocência. E como esse filme nos mostra relembrando a história que se repete, como na “cadeia sem fim” citada por Bobbio, devemos como juristas, ser o ponto final desse quadro de miséria humana proposto pelas elites mundiais.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOLDENSOHN, Leon. **As Entrevistas de Nuremberg**. SP: Schwarcz, 2005.

THOMSON, Oliver. **A Assustadora História da Maldade**. SP: Prestígio, 2002.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. SP: Campus, 1992.

SCHILLING, Voltaire. **Nietzsche – Em Busca do Super-Homem**. RS: Age, 2001.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**. SP: Contraponto, 1995.

Site:

MARTINS, Eduardo. **Vigiar para Punir**, Salvador, 24 nov. 2005. Disponível em <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault>>. Acesso em: 25 nov. 2005.

Wikipédia, A Enciclopédia Livre. **Tratado de Versalhes, Tratado de Teerã, 1ª e 2ª Guerra Mundial**. Salvador, 19 nov. 2005. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 20 nov. 2005.